



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do correio para Paço de Sousa—AVENÇA—QUINZENÁRIO

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Ano XIII—N.º 337—Preço 1\$00
2 DE FEVEREIRO DE 1957
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

ACUSO

Quem dera que fosse passado este grito de dor que Pai Américo soltou em «fundo» no jornal de 26 de Março de 55, quem dera! Porém, se o mal não cresceu, repete-se e em cada repetição a nossa angústia cresce. O taseco, sim; e não só ele. Eu não sei da abertura de mais lojas e sei que está de pé «a determinação superior de não se conceder novas licenças de taberna nas vizinhanças das Casas do Gaiato». Mas as dez que ora são, das 4 que eram há treze anos, operam malefícios sem conta. Ainda agora são dois os castigados por causa dela. E um terceiro, meio iniciado na arte de compositor tipográfico preferiu sair, talvez cedo demais.

Mas eu disse o taseco e não só ele. Há outra espécie de comércio, ainda mais negro: são os «correios»; os «correios» particulares e clandestinos. Pais e mães de filhos e filhas da idade dos nossos que recebem em suas moradas a correspondência que os rapazes não querem deixar vir à luz para «sua» casa. Má consciência!, que «quem não deve não teme»... Mas eles são rapazes no tempo da tentação. Vêm para aqui para se libertarem da tentação. Agora, que dizer da consciência destes pais e destas mães, que sabem e patrocinam, ou pelo menos não defendem cautelosamente as suas casas e os seus filhos deste «negócio» negro?!

Eu fui há dias levar um dos nossos a uma destas casas. «Se podem receber a correspondência, que recebam o correspondido» lhes disse. E deixei-o lá, por oito dias. Claro que não ficou. O que ficou em mim, foi a impressão triste da desvergonha com que nos acolheram.

Cont. na pág. QUATRO

UMA CARTA

«Meu bom Pai Américo:

Por mais que me digam, que eu leia que morreu, para mim nunca morrerá, viverá sim eternamente em meu pensamento.

Como de costume cá estou cumprindo o que lhe prometi antes de embarcar para o Brasil.

Já lhe mandei 1.000\$00 para contribuir assim com uma parte para a alegria daqueles mais desventurados dos quais já fiz parte.

O prometido é: nunca me esquecer da Obra à qual devo tanto.

Cumprirei sempre até que eu possa e Deus me leve para perto de si.

Este que se orgulha e orgulhará para sempre de ser seu «filho».

Felizes os agradecidos! Para eles avulta sobre a dor do instante que passa a Graça de todos os instantes. A Cruz não os consome porque eles sabem o valor de ser pregado n' Ela.

Bons discípulos do Bom Mestre. Por isso, felizes!

Meu caro José Pimenta Teles. Pai Américo agradece a tua carta como tu sabes agradecer-lhe a tua vida. Fizeste bem em escrever-lhe. Ele saiu sim, mas não nos deixou. Mais do que nunca foi, é hoje ele presente. A tua carta deu-lhe muita alegria. Ele espera receber de ti mais alegria. Até sempre.

SETUBAL

Por
Padre Baptista

O contingente de rapazes vai em aumento. E se não fora o princípio da admissão espaçada em ordem a melhor adaptação de quem entra teríamos esta casa superlotada como as demais.

Porque, diante da apatia ou indiferença do homem responsável campeia abertamente o crime dos que renegam suída ou claramente os filhos, não vemos jeito de parar a afluência do abandono a nossas casas, antes notamos uma tendência crescente. Estas situações de abandono com que diariamente esbarramos, redobram normalmente em proporção às baixas de nível moral e social. Este tem nas casas do Gaiato altímetro exacto, e os tempos actuais acusação constante. A existência delas continua sendo, afinal, uma triste realidade.

Nos começos do mês corrente chegaram dois pequenitos, e em meados dele esperamos mais dois do Sanatório do Outão. Estes, com alta há largos meses, ali se conservam a tirar vez, porque nem casa, nem parentes, nem amigos, nem nada. Nós ficamos sempre radiantes, quando damos casa ao rapaz que a não tem. O rapaz que conhece os pais (e quando a hora de todos saberem o nome dos seus!?) deve permanecer junto deles. Se faltam horas livres e aptidão paterna para educar, ou recursos financeiros

para instruir, o externato deve suprir tais deficiências familiares. A amputação de um membro é sempre meio anti-natural. Nunca se roube totalmente os filhos aos pais, para uma educação mais segundo a natureza. Quando estes faltarem estamos nós, a tapar buracos, mas só então!

Ora, com cada um dos que chega, vem a par muito contadinho • enxoval. Não há abundância. Há o preciso e isso basta. Contudo, não fazemos convite a cruzarem braços, antes encarecemos a solicitude de quem opera pela Caridade e sabe muito bem o que é uma casa de rapazes cheios de vida e em pleno crescimento. Este Natal veio portanto muito a propósito sarar feridas na dispensa, na rouparia e no peito de quem nos ama. Todas as fábricas de conserva de peixe de Setúbal se desobrigaram. Se algum o não fez ainda não tarda por certo. Com duas, com quatro, todas marcaram presença. A marcha de cobertores continua. Deles mais oito e mais dois e mais um.

Os visitantes sucederam-se. Uns com cinquenta, outros com vinte, mais outros com dez. A Casa das Manteigas com pacotes de figos para a «malta». No largo do Bocado seis fatos completos. Mais roupa de visitantes. Pela vez ter-

— Continua na 4.ª página —



África — 1952.

Facetas de UMA VIDA

ga daquela pobre cancerosa, um horror: a vista direita tinha desaparecido sob a crosta encortificada e já toda a face estava tomada. Trazia-lhe uns comprimidos e demorou-se a confortá-la. Ao despedir-se envolveu-a num abraço e pôs-lhe na face um beijo quente e prolongado.

A velhinha ficou assombrada, ergueu as mãos e só soube dizer:

— Ai meu Jesus!

Quanto a mim, verguei a cabeça, louvei o Senhor por ainda haver disto no mundo e disse também para o meu coração:

— Que lindo!!

Muita vez ouvi dizer que o Padre Américo ficava frio, quase desagradecido perante valiosas ofertas que lhe levavam e só se sensibilizava com a ajuda da gente humilde que se privava ela mesma, muito, para dar.

Efectivamente ele tomava perante o dinheiro e os seus donos atitudes por vezes desconcertantes. Dir-se-ia que, se o dinheiro não servia para muitas coisas e mais Uma; se perdia a sua condição de servo e passava a dono dos seus donos; se servia para deslumbra, mesmo quando dado, e se desviava da sua função prestável, humilde e discreta — o dinheiro não lhe era simpático.

Sujeitou-me um dia a um vexame doloroso mas salutar, porque me fez compreender melhor uma coisa que eu ainda não sabia bem. Eu conto como foi.

Tinha muita vontade que ele viesse ministrar o Baptismo ao meu primeiro sobrinho-bisneto de que eu devia ser padrinho.

Era nosso amigo e acedeu com gosto.

Quando se retirava acompanhando-o ao automóvel e, como julgava meu dever, entreguei-lhe um envelope, com uma quantia de que, vamos lá, não me desprendia sem algum sacrifício.

— Que é isto? perguntou-me.

— É para a tua obra.

— Ora!

E deixou-o cair; não lhe caiu, deixou-o cair no pavimento do carro.

Que queria ele dizer com aquilo?

Ruminei longamente o gesto chocante. Compreendi por fim. Para o Padre Américo o di-

Cont. na pág. DOIS

Ali em Rans criou-se uma pequenina obra de assistência para substituir com melhor eficiência a antiga Sopa dos Invalidos. Denominaram-na Lar dos Velhinhos. Construiu-se prédio próprio. O Padre Américo disse como queria, ajudou e fez-se tal qual. Era um Calvário em miniatura: cinco aposentos independentes, com fechadura nas portas, dando todos para uma sala comum que servia de refeitório e casa de trabalho e convivência.

Pronto e habitado, foi o Padre Américo ver como aquilo estava. Entramos na sala comum, de porta sempre aberta, e dos cinco «internados» apenas encontramos a velhinha cancerosa. Os outros aposentos estavam fechados e os seus inquilinos ausentes.

— Ti Maria, por onde anda esta gente? perguntou.

— Oh! meu senhor, está tudo para a feira.

— Para a feira?! Ora sim senhor, assim é que está certo. Com que então, porta fechada, — e ia experimentando os ferrolhos — chavinha no bolso e toca para a feira a espairar.

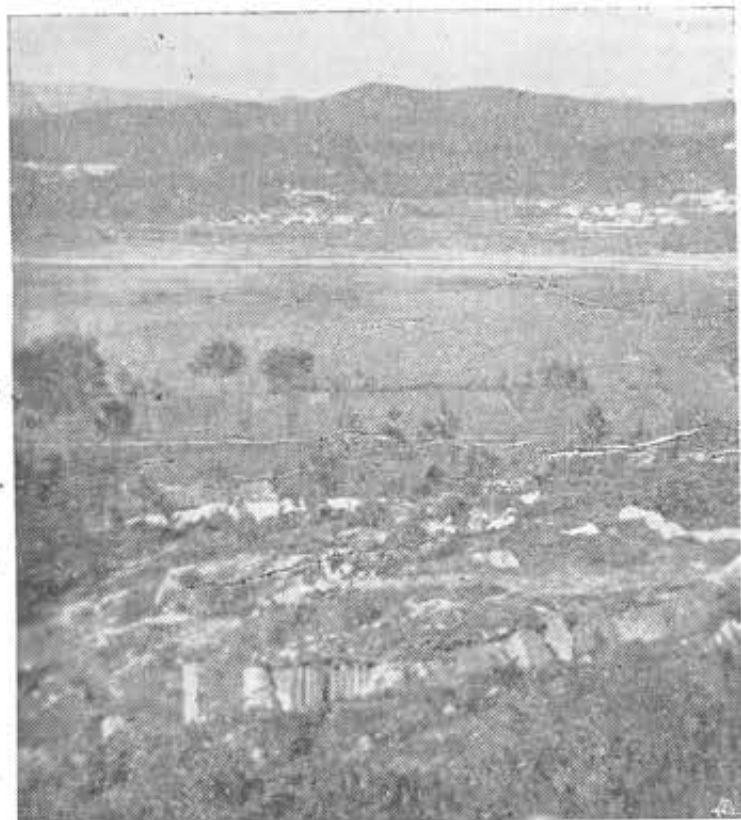
E, voltando-se para mim exclamou satisfeito:

— Que lindo!!

Voltou lá doutra vez. O seu coração tinha-se ferido na cha-

Visado pela
Comissão de Censura

Cada freguesia cuide dos seus Pobres



Além do rio é Galiza. O que de lá se pode ver!

Se quiséssemos dizer em poucas palavras todo o remédio que a inquietação da Justiça Social em Pai Américo lhe ditou, esta era a fórmula: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres». Remédios caseiros para males divididos e assim tornados caseiros. Eu cuido que uma das razões, senão a principal, de se adiantar pouco na resolução de graves problemas

na de meios e também de «casos», se procurasse resolvê-los com a decisão de quem cumpre um mandamento difícil, mas que se pode e deve cumprir, tudo resultaria mais fácil... Haveria suor, sim, e ingratidões e delusões e amarguras de muitos sabores, mas não o sentimento inferiorizante de incapacidade. Claro que não se defende o bairrismo fechado, exclusivista, nem tão pouco aquela autonomia insensata que leva à provisão de meios que por sua natureza se destinam a grupos humanos de dimensão maior que o paroquial. Mas naquilo em que pode bastar a «prata da casa», seria muito de desejar este sentido de auto-suficiência posto em acto.

Podemos ilustrar esta doutrina com exemplos. O Famoso tem sido algumas vezes janela por onde espreita quem quer. Hoje, uma vez mais. Estamos no Alto Minho, Concelho de Vila Nova de Cerveira. Além do rio é Galiza. O que de lá se pode ver!

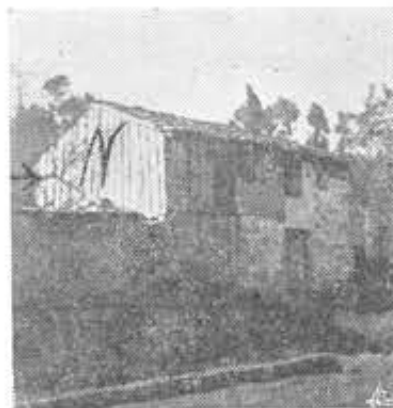
Graças a Deus, no peito deste Pároco bate um coração de Pai. Eu vi o que ele tem feito e já aqui falei da perfeição do que está feito. Sôzinho. Por vezes com tudo e todos contra si. Mas ele não descansa: «Fiz um inquérito. Apareceram 73 que desejam reparações urgentes e não as podem fazer e 30 que não têm casa. E um nunca acabar de misérias nas

habitações. São talvez piores que o presépio de Belém. Que o Menino Jesus lhes traga dias melhores».

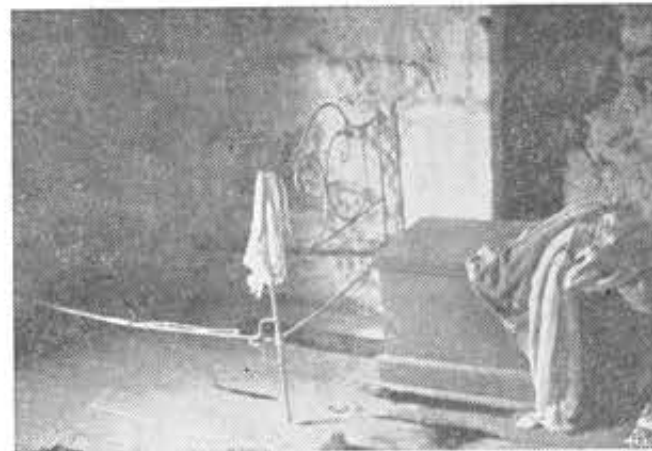
Eu tenho a certeza que trará. Vejam-se atentamente as fotografias. Leiam-se religiosamente as legendas, majestosas em sua simplicidade. A força imanente da Justiça actuando no coração de Pai daquele Pároco levará aonde for preciso.

X X X

«Veja a n.º 1: Dormem 5 na mesma tarimba — Pai, Mãe grávida, uma filha de 11 anos, parece, e mais um casal dos mais novos que se cobrem com 2 ou 3 mantas de farrapos. Ao lado — num caixote, 2 rapazes que nem se podem estender, cobertos com sacos e oleados velhos. Vivem na concavidade duma pedreira por onde escorrem humidades, não tem divisórias. Tenho-lhe fornecido



N.º 3 — O vento norte ia-lhes matando os filhos.



N.º 2 — As mantas retiradas pela mãe do ninho do filho.

além dos artistas materiais para melhorar a casa.

N.º 2: Tive a impressão que a mãe dormia com o filho, 17 anos, no chão sobre um pouco de palha moida. Um horror! O pai morreu tuberculoso há um ano. O filho tem melhor casa na taberna!...

N.º 3: Vivem na parte superior dum coberto aberto. Uma porta do quarto mede 1,10x0,80. 2 ou 3 lados são de costaneiras que já mandei substituir por tabuado. O vento norte ia-lhes matando os filhos. Creio mesmo que um ou dois lhe morreram por isso. Como vê a mãe à janela chega com a cabeça ao telhado apesar de pequena de estatura. Doentíssima.

N.º 4: O chefe — pedreiro — lutou até fazer a casa e cobri-la. Não pode mais. Vive

nos fundos com cabras ou ovelhas... o que eu vi... — pois não pode soalhar.»



N.º 4 — Quarto dos pais. Não teve forças para soalhar.

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

No fim do ano o serviço costuma amontoar na secção do jornal. São rimas e rimas de cartas, de quem espera esta data festiva para se «desobrigar». Ora, como nós andamos empenhados na «Campanha», a inscrição de novas assinaturas sofreu as consequências da aglomeração. E choveram reclamações. Permita Deus que os queixosos não houvessem esmorecido.

Porém, como só há prata da casa e são poucos para o muito a fazer, de vez em quando é necessária a acção de um com genica. E esse apareceu na hora própria. Foi o Coco. O Manuel Coco, tão conhecido e falado porque responsável pela expedição do «Famoso». Olhai senhores: antes do carteiro vos bater à porta passa ele, com uma ninhada deles, horas esquecidas na Citograph a endereçar ou na mesa a dobrar quando não a berrar aos que fazem cera. Pois Manel, despachado por temperamento, um belo dia não resiste mais e pega na máquina e cheio de folia põe em ordem o serviço de novas assinaturas. Foi um ás. Acabaram as queixas. Viva o Manuel Coco!

A Casa Minerva, de San-

tos, torna. Ainda há pouco demos notícia do barulho que faz no Brasil e hoje vem com outra lista carregadilha de gente fresca! O impresso diz ao alto: «Modelo da circular enviada aos patrícios em 1956 — tiragem 1.000». Sim senhor, há que louvar a dedicação da Casa Minerva.

S. Paulo também mareou presença esta quinzena. Uma carta pequenina fala assim: «Em retribuição desta modesta quantia (200\$00) pedimos aos nossos amigos que nos remetam o seu jornalzinho que muita alegria nos causa saber das belas e boas cousas que se faz em Portugal». Os senhores reparem nesta carta. Reparem. Vejam como o mundo quer mas é saber das belas e boas cousas que se faz.

ser pobre. Aqui está um exemplo senhores: um pai dos nossos «incendiou» Custóias! E logo no dia seguinte — feliz coincidência — aparece uma série de outras nove mas de Santa Eulália, no Alentejo. Santa Eulália! Quem não conhecer e passar por lá fica a gostar. É uma das mais lindas terras de Portugal.

Júlio Mendes

Facetas de UMA VIDA

— Continuação da primeira página —

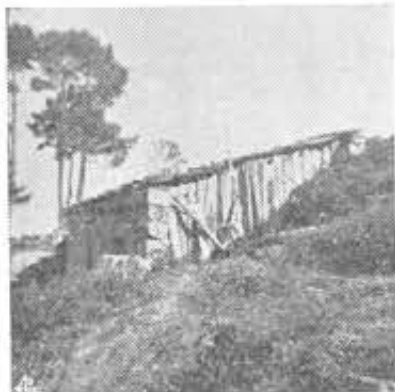
nheiro apresentava fisionomias diferentes conforme a proveniência, a quantidade relativa, o destino explícito, o espírito com que era cedido e até... a ocasião em que era dado.

Com razão dizia ele e escrevia muitas vezes, salientando o ineditismo da sua obra e dos seus métodos:

— Nós cá somos assim.

Quem disser que ele era perito na arte de pedir enganase. Ele era perito mas era na arte de ensinar a dar.

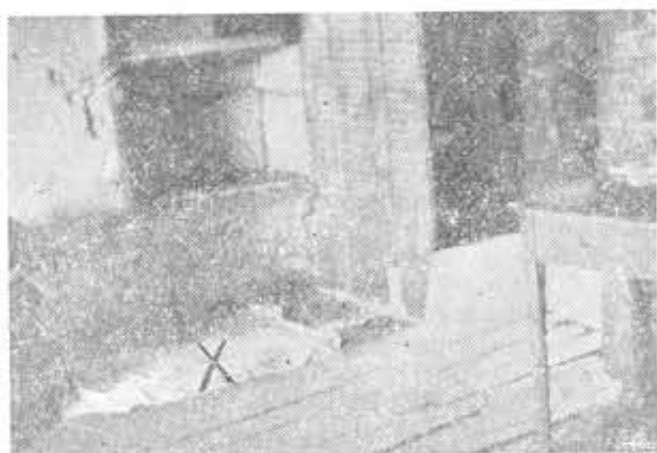
P.e AVELINO SOARES



N.º 1 — Vê-se o telhado a seguir a inclinação do monte.

sociais, vem da pretensão soberba de os resolver em bloco. Grandes inquéritos; minuciosas estatísticas; doutos especialistas que esgotam os assuntos — e tudo permanece mais ou menos. É que o mal aparece com tais dimensões, que os homens esmorecem perante a desproporção entre eles e os seus pobres recursos.

Ora se em cada terra, pequeni-



N.º 2 — Lado esquerdo. O x marca o lugar onde dormia o filho de 17 anos.

Ordins é um livro

Não me apeteceu hoje o pequeno almoço. Momentos antes, tinha assistido ao das crianças beneficiadas pela Cáritas. Era leite, queijo e boroa. Comiam com apetite. Duas mães acompanham seus filhos tenros. São tecedeiras. Assistem. Aproveito para pregar a higiene, a pontualidade, o amor ao trabalho. Era a ocasião. O ranchinho de crianças debandou. As 24 horas que se vão seguir quiseram elas fossem mais velozes. Mas há que respeitar os «vagares» do tic-tac. Até amanhã se Deus quiser.

Agora comigo, apenas, a vicentina encarregada da distribuição, mais uma daquelas mães tecedeiras. Eramos três e a alegria duma criança consolada que rodopiava à nossa volta. Aquela tecedeira, dias antes, procura-me. Agora, de novo. O mesmo assunto. Sua pobre mãe também queria ser tecedeira. Era pobre e pecadora pública. Tinha tudo, para dever pertencer à já grande família das tecedeiras. Tudo, mas tinha que deixar o pecado. Residia aqui a dificuldade. A filha temia. Há tantos anos na mesma... Nota, porém, que, agora, andava animada. Pelo menos já não se lhe ofereciam tantas ocasiões de cair. Até o marido fez chegar a mim o mesmo pedido. Acabei por dizer que sim. Não quero que esta madalena um dia me acuse no Tribunal de Deus. As multas, como castigo, forçá-la a corrigir-se ou a desistir do número das tecedeiras.

Traçado o plano para a recuperação desta mulher adúltera, em que a filha vai, uma vez mais, colaborar comigo na salvação da mãe, trata agora do seu caso. Sou eu quem pergunta, que ela é mulher resignada. Moureja todo o dia no campo com o marido. São caseiros. Más as condições de arrendamento. Os filhos vão enchendo a casa pequenina. Vem a noite e, quando tudo arrumado, apegam-se aos chales, com o marido. Os dois juntos no mesmo amor. Os dois no mesmo trabalho. Noite morta vem o sono e para o espanhar, rezam, de novo, o terço à Mãe do Céu. E o sono foge diz-me ela, e trabalhamos mais um pouco. São duas ou três horas da madrugada, quando vão repousar. Traz um braço inchado. Não sabe se de cortar erva dos campos se dos chales. Sei eu que de tanto trabalhar, para pagarem as dívidas. São três contos. São poucados até mais não. Não passamos do pão e caldo, continua. E vai-me desfiando os nome dos credores, um a um. Sobretudo o que mais a penaliza são os juros. Deve 200\$, pagando 24 por cento ao ano e quase 1.000\$00 a 12 por cento. Esta mulher, de caminho mãe outra vez, leva com o marido uma vida heróica. Tendo-se deitado tão tarde, após tanto lidar, são quatro ou cinco horas, quando se levantam. Os chales acordam-nos. Apenas duas horas de descanso!!! De novo à luta. Ele magro, ela, próxima a nova maternidade,

mal alimentados e dormidos. Temendo uma tuberculose, ralhei-lhe. As nossas forças têm um limite, além do qual surge a doença. Pelas faces desta Heroína iam correndo as lágrimas. A custo sustive as minhas. Foi por tudo isto que hoje o pequeno almoço não me soube. Ordins é um livro cujos selos rompi, mas talvez ainda não conheça bem todas as suas páginas. Quantas negras e vermelhas, meu Deus! Tudo o que nelas leio vou-o transcrevendo nas páginas verdes que o livro traz também. Semeio na Esperança. O Senhor da Graça e da Misericórdia há-de compadecer-se de nós seus filhos, num dia que já amanhece.

Padre Aires

Tribuna de Coimbra

Continuamos hoje a dar testemunho do testemunho que nos deram nesta quadra do Natal.

Os quinhentos escudos da Auto-Industrial; solas e cabeçais da fábrica de Curtumes; duzentos deixados no Castelo; cem da Sociedade de Sabões; cinquenta duma recauchutagem de Leiria; vinte para os Pobres da Conferência; os costumados cincoenta de muitas vezes para as conferências, de Caldas da Rainha.

E ao falar nos Pobres da Conferência, queria dizer aos queridos leitores que os nossos rapazes vicentinos, tanto de Coimbra, como de Miranda, me torturam a pedir coisas para seus Pobres. Eu peço que tenham dó.

Não podemos dizer aqui aquilo que a Cáritas Portuguesa nos mandou. Tem sido uma farturinha de queijo, manteiga, leite, margarina, farinha e feijão. Material escolar; quinhentos do Grémio do Arroz; 150\$00 duma semana de trabalho duma ajuntadeira; cincoenta da mãe dum estudante; cem dum empregado dos S. M.; cincoenta à mão; o mesmo do Senhor Prior; duzentos das amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel. Cincoenta da Figueira a pedir as melhoras; o mesmo que um sacerdote tinha para outro fim, mas vieram para cá; duzentos em vale, por alma duma filha; quinhentos e os bolos-rei do primeiro amigo; a mala do costume do Senhor e da Senhora que vêm há muitos anos no dia de Natal.

Dez de visitantes; 7\$50 mais; azeite e arroz da Mãe do Zé António; uma peça da Covilhã e facturas pagas; cem do primeiro ordenado a pedir as Bênçãos de Deus e do Pai Américo. Enquanto uns só pensam em pedir e ambicionar dinheiro, outros ainda se preocupam em repartir o pouco que têm e com a convicção profunda da origem de todo o Bem: Deus.

125\$00 da Farmácia Normal de Lisboa; setenta da Califór-

«Rir com os que riem; chorar com os que choram» — eis um programa de vida cristã.

Esta coluna é bem do que nós necessitamos. Não é o que nos dão, nem é o que nós damos. É a troca. É a confiança. É o amor com que partilhámos com os leitores as alegrias e angústias, nossas e deles. É a Comunicação dos Santos. Oh dogma querido, que fundamentas em Cristo a regra essencial da sociabilidade humana!

Esta é coluna da simpatia. A gente quer resumir...; mas quem pode? Escolhemos um tipo mais miúdo para o espaço render mais. Mas resumir, quem pode?

Venezuela:

«Como obreiros e imigrantes que somos, todos de origem portuguesa, em terras desconhecidas e cálidas, levando uma vida modesta mas sincera e correcta, realizamos como de costume a nossa última ceia do ano de 1956 num ambiente de franca har-

monia e confraternização, durante a qual houve um momento em que todos os nossos pensamentos se concentraram nos entes queridos que uns e outros têm espalhados pelo universo, a quem apesar das distâncias e de algumas faltas de lealdade que nos possam ser apontadas pelo isolamento em que vivemos, jamais poderemos esquecer e deixar de amparar.

E conjuntamente a esse pensamento sincero e humano, incluímos a vossa casa, obra magnânima e sã, realizada mercê do grande valor de quem em vida se chamou PADRE AMÉRICO.

Portanto rogamos que aceitem o pequeno cheque 123012 sobre To CHEMICAL CORN EXCHANGE BANK, 165 Broadway, New York, por valor de Dólares U.S. \$44,00 a favor da vossa Caixa Social, que juntamente enviá-

mos. Entretanto vos saudamos com um afectuoso abraço dos amigos que em 31 de Dezembro de 1956, ceavam fraternalmente em Caracas na «Pension Venancios».

E «a demonstrar o verdadeiro afecto que se mantém latente nos nossos corações», aquela pequena comunidade lusa reúne-se de novo num cheque de 44 dollars.

E se passamos de novo para cá do Atlântico e paramos em qualquer das costas portuguesas de África, que dizer? «Longe da vista, longe do coração»? De modo algum. Isso acontece com os falsos afectos. Mas quando o amor é enxertado em Cristo, quando ele é «comunicação dos santos», quanto mais longe mais intenso, mais requintado na delicadeza das suas manifestações.

É Beira:

«O inverno aproxima-se e os pobres precisam de agasalhos: aqui vai tudo quanto conseguimos arranjar, com a ajuda de uma amiga que prontamente atendeu o nosso pedido.

Se esta oferta tem algum mérito perante Deus, que seja pela «Paz no Mundo».

Amigos dos Pobres.

E, desde a peça de roupa de melhor qualidade, até aos retalhinhos mais humildes para fazer sacos, tudo primorosamente acondicionado, por quem se não contenta em dar mas quer fazê-lo o melhor possível. E é Robert Williams com talheres. E outra vez Beira com 100\$. E Cubal com o mesmo «para os pobres que mais necessitam e que Deus olhe por nós e pelo mundo». E o Chinde com metade para outro Pobre. E Stanleyville com mil francos para alguém do Bairro de «Nangaia». Gente que se desobriga de encargos de consciência. A esmola não é o único nem o principal meio, mas diz a Escritura que ela cobre uma multidão de pecados». 601\$10 — metade do meu 1.º vencimento. Mais 100\$ da Figueira da Foz por uma graça obtida e 50\$ que se não de repetir mais nove vezes «para desfazer um erro».

A piedade familiar tem aqui uma tribuna de exteriorização. É «uma mãe aflita»; e um casal que festeja seus 40 anos de casados; e uma viúva de Cabaços que sufraga a alma do seu «querido e saudoso Marido», e uma filha que faz o mesmo a respeito de seu pai; e outro ou outra que festeja a linda conta de 80 anos que seu pai perfaz.

Por intermédio do «Primeiro de Janeiro» chegaram cá 5.655\$50.

E agora é a vez dos trabalhadores e das entidades patronais. Nós não resistimos a pô-los sempre aqui juntinhos, de tão juntinhos que os queríamos todos e em todas as circunstâncias de tempo e de fortuna.

É Reis & Pousada com o último material lá comprado no ano findo, que veio por consoada. E Regojo com um caixote de camisas e retalhos que puseram muitos «Oh!» na boca da senhora da rouparia. E um armazém de mobílias da R. Passos Manuel. E o pessoal e gerência da Mondex, com 600\$. E o Laboratório Normal. E a Fiação e Tecidos da Portela com 2 peças de riscado.

Quem daqui por uns dias passar no nosso refeitório e vir as belas mesas que lá estão saiba que quase só as pedras mármores nos custaram. Uma fábrica de tubo de ferro e aço de Le-

Do que nós necessitamos

monia e confraternização, durante a qual houve um momento em que todos os nossos pensamentos se concentraram nos entes queridos que uns e outros têm espalhados pelo universo, a quem apesar das distâncias e de algumas faltas de lealdade que nos possam ser apontadas pelo isolamento em que vivemos, jamais poderemos esquecer e deixar de amparar.

E conjuntamente a esse pensamento sincero e humano, incluímos a vossa casa, obra magnânima e sã, realizada mercê do grande valor de quem em vida se chamou PADRE AMÉRICO.

Portanto rogamos que aceitem o pequeno cheque 123012 sobre To CHEMICAL CORN EXCHANGE BANK, 165 Broadway, New York, por valor de Dólares U.S. \$44,00 a favor da vossa Caixa Social, que juntamente enviá-

mos. Entretanto vos saudamos com um afectuoso abraço dos amigos que em 31 de Dezembro de 1956, ceavam fraternalmente em Caracas na «Pension Venancios».

E «a demonstrar o verdadeiro afecto que se mantém latente nos nossos corações», aquela pequena comunidade lusa reúne-se de novo num cheque de 44 dollars.

E se passamos de novo para cá do Atlântico e paramos em qualquer das costas portuguesas de África, que dizer? «Longe da vista, longe do coração»? De modo algum. Isso acontece com os falsos afectos. Mas quando o amor é enxertado em Cristo, quando ele é «comunicação dos santos», quanto mais longe mais intenso, mais requintado na delicadeza das suas manifestações.

É Beira:

«O inverno aproxima-se e os pobres precisam de agasalhos: aqui vai tudo quanto conseguimos arranjar, com a ajuda de uma amiga que prontamente atendeu o nosso pedido.

Se esta oferta tem algum mérito perante Deus, que seja pela «Paz no Mundo».

Amigos dos Pobres.

E, desde a peça de roupa de melhor qualidade, até aos retalhinhos mais humildes para fazer sacos, tudo primorosamente acondicionado, por quem se não contenta em dar mas quer fazê-lo o melhor possível. E é Robert Williams com talheres. E outra vez Beira com 100\$. E Cubal com o mesmo «para os pobres que mais necessitam e que Deus olhe por nós e pelo mundo». E o Chinde com metade para outro Pobre. E Stanleyville com mil francos para alguém do Bairro de «Nangaia». Gente que se desobriga de encargos de consciência. A esmola não é o único nem o principal meio, mas diz a Escritura que ela cobre uma multidão de pecados». 601\$10 — metade do meu 1.º vencimento. Mais 100\$ da Figueira da Foz por uma graça obtida e 50\$ que se não de repetir mais nove vezes «para desfazer um erro».

A piedade familiar tem aqui uma tribuna de exteriorização. É «uma mãe aflita»; e um casal que festeja seus 40 anos de casados; e uma viúva de Cabaços que sufraga a alma do seu «querido e saudoso Marido», e uma filha que faz o mesmo a respeito de seu pai; e outro ou outra que festeja a linda conta de 80 anos que seu pai perfaz.

Por intermédio do «Primeiro de Janeiro» chegaram cá 5.655\$50.

E agora é a vez dos trabalhadores e das entidades patronais. Nós não resistimos a pô-los sempre aqui juntinhos, de tão juntinhos que os queríamos todos e em todas as circunstâncias de tempo e de fortuna.

É Reis & Pousada com o último material lá comprado no ano findo, que veio por consoada. E Regojo com um caixote de camisas e retalhos que puseram muitos «Oh!» na boca da senhora da rouparia. E um armazém de mobílias da R. Passos Manuel. E o pessoal e gerência da Mondex, com 600\$. E o Laboratório Normal. E a Fiação e Tecidos da Portela com 2 peças de riscado.

Quem daqui por uns dias passar no nosso refeitório e vir as belas mesas que lá estão saiba que quase só as pedras mármores nos custaram. Uma fábrica de tubo de ferro e aço de Le-

ça da Palmeira, reduziu a metade a importância da factura.

E o trabalho foi dos nossos seralheiros. Alguém, que se repete no dar de muitos e variados modos, líquida o 2.º semestre da nossa farmácia. São 17.639\$80.

Da subscrição entre oficiais, sargentos, cabos e soldados do Batalhão n.º 4 da G. N. R., do Porto: 278\$30. Os «Amigos de D. António Barros» vieram e deixaram 627\$50. E o que eles fazem no Bairro de Miragaia...

Quinhentos do pessoal do Polónio Basto e dez vezes menos os da Mobil Oil. 1.586\$50 do Centro de Alegria no Trabalho do pessoal de Oliveira & Fereirinha, Lda. E 410\$20 da «Caixa do Gaiato», fundada pelo pessoal do Posto fiscal junto da Companhia Lusitana de Fósforos. Mil escudos de um licenciado em matemáticas e cem de «uma Marias». E para o destino que se julgar mais conveniente. Já se sabe: é para a Johannesburg.

Mais uma missa por alma de Pai Américo a pedido dos mesários da Ordem do Carmo e 16.500\$ de esmola para as nossas conferências, incluindo a de Ordins. Quando P.e Aires souber, quem o atura?

Cinquenta de uma «calbicastrense» em acção de graças por ter conseguido trabalho. E os lençóis em permuta do Famoso, este ano em dose dobrada por ter havido esquecimento o ano passado.

Uma «amiga e admiradora desde os meus 14 ou 15 anos (e hoje tenho 24)», manda os 300\$ da sua gratificação do Natal. E mais este:

«Habitualmente todos os fins de ano, fazia uma limpeza aos bolsos e o que surgia, era para a Casa do Gaiato. Ano passado, aliás de 1955, por... não sei porquê, tal não aconteceu. Porém em 1956, fiz por não esquecer e para saldo do débito anterior, dupliquei e assim junto um vale de todas estas contas.

Oxalá Deus continue aabençoar a Obra como o tem feito».

Calvário

A residência hospitalar aproxima-se do seu fim. As grandes pedras da varanda do redondo estão no seu lugar. O pedreiro diz adeus à obra. Entram o carpinteiro e o trolha e ainda demoram tanto tempo!... Por ora o único habitante o «General». Até, quando escrevo, nem ele, que está no Hospital do Porto, por umas transfusões de sangue que vençam aquela rebelde anemia que o choque vitamínico não tem logrado debelar.

Pois apesar do Calvário ser um fruto que se promete não faltam já os voluntários da primeira hora que aparecem regularmente a subscrever uma quota que se impuseram. Alguém assina-se mesmo «um dos da primeira hora». E na verdade é bem dos nossos. Ele opera no mesmo Nome e pela mesma Força que nos move. Ora oiam:

«Em nome de N. Senhor Jesus Cristo e pela graça de Deus junto 50\$». Mas os testemunhos de concordância com alta diuturnidade não ficam por aqui. Um assinante da casa dos 100 que supplica algo «que não é só bom para mim». E os costumesiros «Amando os homens por amor de Deus...»; alguém que muito quer à Obra e pouco lhe pode dar» em troca da «benção para marido e filhos».

Caridade fraterna em sentido amplo. Caridade em sentido estrito. Dois rebenitos do mesmo santo amor. Ainda os vinte «da doente para doentes», dez vezes mais da Emilia de Lisboa, referente a dois meses, mais quarenta dos mesmos dois meses, doutra Lisboa. Um novo «tocado» que começa já com 100\$ e «não quer deixar mais tempo com adiantamentos». É de Águeda o feliz. A Júlia da Ilha de Moçambique manda cem em lotaria premiada e a «sportuense humilde» veio cá e deixou 2.000\$ e já depois, por carta, 100\$. E diz ela que as suas posses não são grandes, pois que trabalho para ajudar o meu marido e já não sou nova. Oh Mulher Forte!

E a gente continua a percorrer as cartas ou bilhetinhos que acompanham, ram os donativos e em cada um é

Cont. na pág. QUATRO

ADQUIRA O LIVRO
«BARREDO»

Pedidos à Editora: — Tipografia da
CASA DO GAIATO - Paço de Sousa

O que nos dão no Tojal

Dizer assim no alto desta coluna e formular logo de começo um pedido é afirmar antecipadamente a certeza de que seremos atendidos por tão habituados que estamos.

Ora trata-se do telhado da nossa casa. Ela contém valores em que dizem não podermos bulir mas em risco presente de se estragarem com a chuva. Chove em toda a nossa casa. Por isso, é urgente a substituição do longo telhado, para o qual aguardamos desde já as ordens concretas dos nossos leitores, bem como de quem zela pelos monumentos nacionais.

Coloçamos aqui, agora, não a lista morta, antes palpitações fortes de quantitativos variados, mas de grau idêntico. Se bem que o escalão e a origem dos donativos seja diferente, todos representam o tudo que cada um é capaz e por isso são iguais. Não fazemos distinções. Começamos mesmo pela dádiva mais pequenina: «infima» diz quem manda a esmola de 20\$. Seguem-se 500\$. Logo a par 20\$ duma Rita e 500\$ duma Leonor. No Novo Mundo 100\$. Visitantes com 20\$. Em mão 50\$.

Duma promessa 100\$. Dez vezes mais de alguém que se esconde.

Admirem de novo a constância dos empregados da Mobilil com 1.252\$ e 1.935\$. Com uma oração por alma de Quitéria 50\$. Alguém multiplica por dez e entrega 500\$ por alma de Joaquim Duarte. Que modo de beneficiar os entes falecidos, os nossos irmãos vivos!

O Amor transpõe continentes e oceanos. Um senhor da Mobilil de New York em nome dos seus três filhos vem com 300\$. Outra promessa de 250\$ do assinante 13755. No Montepio uma pilha de embrulhos. O elevador que tudo trouxe ao piso fundeiro não comportava mais. Desta vez pasmei pois os nossos amigos já se iam esquecendo de que ali temos depósito.

Por alma de X 660\$. Do Colégio Manuel Bernardes, 191\$. Dos empregados da Sociedade de Produtos Lácteos prestações de 189 e 493. Os rapazes bem diziam que era hábito virem 50 camisolas, tradicionalmente entregues pelo Natal por quem gosta de os agasalhar. Tivemos já a confirmação.

Em peditório na Igreja de Santos-o-Velho 3.550\$. No Banco de Portugal cotizam-se os empregados com 2.150\$. A casa de Pobres que ofereceram anda já de paredes altas em A-das-Lebres. Em Alcântara dois fardos de bacalhau. Duma assídua leitora do Famoso 50\$. Para as boroas 200\$. Da T. W. A. 50\$. Da R. do Comercio igual quantia. Do Grémio dos Industriais de Arroz 500\$ e o das Especialidades Farmacêuticas 9.100\$.

Aqui no Tojal, o amigo de sempre veio este Natal com 2 rezes para a consoada. No Frigorífico deram-nos um saco de nozes e ceiras de figos. Pela vez terceira, os E. U. A.

com um dolar apenas, porque de mãos pobres que se lembram dos nossos. Visitantes com 20\$. Mais 100\$ de Benficia. O «Diário Ilustrado» veio com 50\$. Com cinco contos, alguém «que não costuma dizer o nome». E nem vale a pena! Que paga lhe poderemos dar nós? Da Companhia G. Cal e Cimento 200\$. Por sermos clientes, a padaria da R. de Buenos Aires deu-nos mais uma vez pão e bolo-rei. Das vicentinas do Rego um lote de roupa.

Ao Lar de Lisboa sobem dois dinamarches, e no encalço o Grémio dos Seguradores com boroas para o Natal. O casal de Arroios apresenta-se ali com 100\$ e volta pouco depois com 600\$ para a consoada. Que Deus os ampare, como procede connosco.

«Dois jovens quaisquer» com 300\$. Para a pitada de açúcar nas rabanadas dos «batatas» 100\$. Batem à porta e entregam malas com roupa para os pequenos do Pai Américo. Por mãos deles mais roupa. Outra vez batem e caixas de boroas, e 100\$ e 500\$ e carta da Direcção da Escola Patriótica Prazeres com 250\$.

Um que vem tarde e entrega 100\$.

P. S.— Quero pôr aqui também o que me dão. Meses atrás foi um corte para batina. Agora, em S. João do Tojal, roupa e calçado que anda já a uso. Bem hajam. Estou servido.

Padre Baptista

SETUBAL

—Continuação da primeira página—

ceira um senhor com lenha pronta a arder. Outro com jogos.

Na véspera do Natal a tulha do arroz mostra o fundo limpo. Como vai ser? Sei apenas que o correio desse dia traz ordem de levantamento de um saco de arroz. Deus multiplique a quem sabe repartir.

Simpática foi a visita das crianças de Palmela, a irmãan-rem-se perfeitamente com os nossos rapazes na alegria dum jogo de futebol, e na doação espontânea de um mundo de coisas: galinhas, coelhos, frutas e doces.

As senhoras da segunda feira não consentiram que nós fizéssemos bolos para o Natal. E não perdemos com isso. Já agora informem-nos a tempo se pela Páscoa temos igual proibição.

De Setúbal dois sacos com brinquedos. Muito em silêncio, andei eu pela calada daquela noite a distribuí-los, e na manhã do dia, eles a ensurdecem-me os ouvidos com flautas e píjaros.

Mais figos e boroas. Mais um saco de massa e fruta. Mais boroas em Águas de Moura. De novo boroas dos clientes da papalaria Universal. A Sapeç com quinhentos, os Industriais de Arroz com igual soma. De Lisboa roupa para crianças de Setúbal. Louvando a intenção de quem vibra com a miséria longínqua, pedimos que não esqueçam o Casal Ventoso, a Curraleira e sítios idênticos da capital.

No Setubalense cem de um anónimo. Um visitante com 500\$00. Bem haja quem se retira às vistas do seu dar.

CARTAS

Pai Américo dizia muitas vezes que não se lhe dava de fazer o jornal de ponta a ponta. Na verdade, não é difícil, de tanta colaboração e tantas sugestões que os leitores nos oferecem. Damos ao prelo três retalhos de cartas. Estilos diferentes, modos diferentes, e a mesma participação na nossa vida. Esta é a nossa maior riqueza. Que ponham aqui a sua confiança aqueles que pendem para os dons materiais.

«Passou o Natal sem que lhes escrevesse, mas não passou sem que me lembrasse instantaneamente de vós.

Tenho estado convosco dum modo especial nestes últimos tempos. Não sei porquê, mas o certo é que sinto a vossa cruz. E hoje quero enviar-lhes mais uma. Que está a cair.

Olhando para essa cruz e pensando em vós, muita coisa me passa pela cabeça.

Eu creio. Creio na vossa cruz. Sinal de que Deus está!»

x x x

«A poucas horas do fim do ano, tenho que dar muitas graças a Deus por esta mudança de vida e por todo o sofrimento que se lhe seguiu. Não é que devemos dar graças a Deus através de tudo?

Quero dizer-lhe que nem um centil deste sofrimento deixei de oferecer pelas necessidades da Obra da Rua e seus chefes. É a Obra da Rua uma intenção habitual para todas as minhas obras, que eu actualizo no delalbar de cada dia.

Em união convosco, dou

também graças a Deus pela provação porque passou a Obra, pela mudança de vida do Senhor Padre Américo.

Louvo a Deus através de tudo».

x x x

«Foram entregues no passado dia 15 as nossas primeiras casas. A sua entrega foi feita com a maior simplicidade conforme o gosto do Saudoso Pai Américo e nosso também.

Estou contente, muito contente mesmo e tenho a certeza que o Pai Américo também o está.

Agora urge não parar no caminho encetado. Queremos continuar. Assim haja quem nos ajude. De momento a maior dificuldade é o terreno pois dinheiro para principiar outras já temos algum. Quem dera que alguma pessoa generosa nos oferecesse um bocadinho de terreno e há tantas que o possuem.

Não poderia V. fazer-se porta voz da nossa aflição e pedir no «Gaiato» a qualquer figueirense, mesmo dos que vivem longe, que nos valesse?»

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Foi comemorada por esta Conferência mais uma data do nascimento do Senhor. Os pobres receberam recado e apresentaram-se a receber o seu bocado. Batatas, bacalhau, azeite, arroz, massa, feijão, grão, sabão, cebolas, café, figos, cacete e alguns escudos, algumas roupas de cama e agasalho foram igualmente distribuídos.

Calvário

Cont. da pág. Três

uma surpresa nova que nos põe na boca um louvor a Deus sempre renovado.

É um empregado que procura cumprir o seu dever, com 300\$. E «uma operária dos Tabacos», que partilha com o Calvário «um pouquinho dum lembança que me manda meu filho ausente no Brasil... para que meu filho seja bom... e Deus nos abençoe». E duas vezes, dois saquitos com moedas pequeninas das costureiras do Hospital de Santo António. Elas estão afeitas a tocar as roupas de doentes. Quem sabe se algum deles não voltará a ser tocado por meio delas!

«Ligaduras usadas nas desinfecções». Oh preciosidade! Mais roupas brancas de Altar e uma Senhora da Conceição e «esse lençol que é de linho puro, pois desde a sementeira ao tecer, tudo caseiro». Escreve «uma mãe portuguesa».

E muitas coisas no Espelho da Moda e muitas sobras de pagamentos de assinaturas.

Mais dois lençóis de «uma sofredora» e 100\$ de J.L.D., que «sente um grande entusiasmo pelo Calvário». Cinco vezes mais «de uma pessoa que muito lhes deve, pelo muito que Deus a tem ajudado». Então que nos deve, se é Deus que muito a tem ajudado? É que Deus quer precisar dos homens para transmitir a Graça. E vai às vezes e escolhe os mais pecos e é por eles que «muito ajuda», justamente para que os homens saibam que é Ele quem ajuda. Os pecos são canais; são instrumento. Quarenta de Moçambique e 100\$ de uma promessa e mil do Porto, de um António que manda duas vezes mais para dividir pela Casa do Gaiato e Património. Metade de uma velha amiga de Casal-del-o. Uma pulseira de mão, em acção de graças. E 140\$, remanescente de um chale de Ordins. E aquele Rádio pic-up que eu troquei, com grandes protestos do Zéquita, o cronista de Beire. E «esta migalhinha com pena de não poder mandar mais, mas sou pobre e doente e velha, mas todas as vezes que puder não me esqueço de o fazer e para que o nosso Pai Américo peça ao Senhor pela sua obra e pelos seus amigos que somos nós os Pobres».

ACUSO

—Continuação da primeira página—

É difícil que o rapaz dos 15 ou 16 distinga os sinais da verdadeira amizade. O mais simples para ele é tomar por amigo quem lhe satisfaz os desejos. Mas não são estes os amigos, meus rapazes. Estes são os que clamam contra a «crápula que Pai Américo trouxe a sujar uma terra tão linda»; e, no fundo da sua inconsciência se alegram com os nossos desaires. Eles; que tanto vos ajudam a cair.

Eu compreendo agora melhor as fortalezas antigas, de muralhas concêntricas. Em volta das Casas do Gaiato bem precisas eram casas de famílias sãs, que espalhassem no ar o perfume das virtudes que não de curar os nossos rapazes. Temos encontrado destas ajudas nas nossas Casas em terras de missão. Nas terras ditas cristãs temos encontrado destas dores.

Aos pais e mães que denunciam, que Deus lhes guarde os filhos e as filhas. E destas que Deus me guarde os meus.

Em muitos deles uma lágrima teimosa rolou as suas faces já enrugadas pela velhice ou sumidas pela fome. Uma palavra bondosa de agradecimento, saiu da sua boca. Saíram contentes e felizes e mais o ficamos nós! Com a morte do nosso Pai Américo, não abrandou em nós o nosso entusiasmo pela prática da Caridade, antes o aumentou. Cinco contos e pico foi a nossa despeza e como não podia deixar de ser, Deus lá do alto se encarregou de nos enviar. Tudo certo, tudo matemático. Deus nunca falta como nos dizia o nosso bom Pai. A sua Obra começou do nada e por via desta fé ela floresceu. Seguimos igualmente a sua doutrina. O débito de 4 contos não nos intimidou e mandamos executar. Resultado? Já o sabeis!

Porque foram muitos os que acorreram em nosso auxílio, impossível se torna aqui enumerá-los mais as quantias.

Apenas pretendo destacar (e por via de dar contas), um donativo de cinco mil escudos que a anónima M. M. M. me enviou, sendo dois para a Conferência e três para o Calvário. Antes de uma palavra de agradecimento, pretendo também registar dois bodos em géneros enviados por senhoras, uma da Rua D. João IV, tal como todos os anos o faz, e um da Rua Igreja de Cedofeita. Pretendo ainda focar donativos para a campanha «Tenha o seu Pobre» enviados por anónima de Coimbra, um amigo de Famalicão e um outro de África, que pede o mencione nesta crónica para saber se recebemos. Sim senhor e desculpe a demora na sua acusação. Embora também tardamente, dou conta de um donativo de 550\$ quando da morte do Pai Américo, enviado pelas empregadas da Companhia dos Telefones, que em vez de flores, decidiram muito bem, enviar para os pobres.

Agora uma palavra de agradecimento, e esta, porque faço desta crónica a derradeira. Este cantinho vai deixar de me pertencer, por tal motivo, sinto obrigação de escrever duas palavras, estas como disse de agradecimento.

Como devem saber sou casado e tenho dois filhos e portanto tenho o meu lar. Já não estou por isso na Obra embora continue pela vida fora a ser filho dela, e com orgulho o digo. Por isso, e sem que deixo de tratar e velar pelos problemas do Pobre — pois uma Conferência de homens já me chamou — eu deixo esta entrega ao cuidado e carinho dos meus irmãos mais novos, aqueles que continuam ainda dentro dos muros da nossa Obra. É a eles que lhes compete a continuação da mesma, de sofrerem com os seus pobres as suas amarguras e gozar com as suas alegrias.

A visita ao pobre, tal como a mim, só lhes faz bem; faz parte da sua estruturação para serem bons homens amanhã. Que façam da visita ao pobre um constante exame de consciência e aprendam a ver como difícil é o mundo e a vida que o rodeia; que vejam no sofrimento do pobre um lenitivo para os seus sofrimentos; quantas vezes, de braços com dificuldades e de cabeça perdida, a imagem do pobre me salvou. Vi naquela imagem, que ele sofria muito mais do que eu, que as suas condições eram bem piores do que as minhas, e a minha dor, o meu sofrimento, logo se esfumou. Foi pela prática da Caridade que aprendi a ser melhor.

Devo minha formação também ao vosso carinho, à vossa confiança. Por exemplo, aquela senhora M. M. M. ao enviar directamente para mim donativos 2, 5 e 12 contos, cumulou-me de tal alegria que me sinto orgulhoso pela confiança que sempre depositou em mim. Eu fui um elo de ligação, e sempre que queria enviar qualquer donativo para a nossa Obra, em lugar de o fazer directamente para ela, mandava-o para mim, dando eu por fim cumprimento à sua vontade. Obrigado pela confiança que em mim depositou e que Deus lhe pague os momentos felizes que me proporcionou.

De todos me despeço e me confesso grato pedindo ao mesmo tempo a Deus que os cumule de felicidades neste ano que ora entrou.

CARLOS VELOSO DA ROCHA